



"[1] *Eu, Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus, escrevo esta carta, junto com nosso irmão Timóteo, [2] aos irmãos fiéis em Cristo, o povo santo na cidade de Colossos. Que Deus, nosso Pai, lhes dê graça e paz. [3] Sempre oramos por vocês e damos graças a Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, [4] pois temos ouvido falar de sua fé em Cristo Jesus e de seu amor por todo o povo santo, [5] que vêm da esperança confiante naquilo que lhes está reservado no céu. Vocês têm essa expectativa desde que ouviram pela primeira vez a verdade das boas-novas.*" (Colossenses 1.1-5 – Nova Versão Transformadora)

Metaforicamente, há dois tipos de lentes pelas quais enxergamos um texto bíblico. São as lentes de cores verdes ou vermelhas. Por um lado, há quem escolha as lentes de cor verde para “**ver de qualquer jeito**” a passagem bíblica, sem preocupações com a verdade e a profundidade do texto. Por outro lado, há quem prefira as lentes de cor vermelha para “**ver melhor**” o texto e entender o real significado da passagem bíblica. Se optarmos pelas “lentes vermelhas”, descobriremos que, geração após geração, os mesmos erros teológicos dos primeiros séculos do cristianismo volta e meia reaparecem, ainda que em nova roupagem. É essa percepção que temos quando estudamos a epístola que o apóstolo Paulo escreveu à Igreja em Colossos. Muitos dos problemas que existem na atualidade no meio evangélico já existiam dois mil anos atrás. E a relevância da epístola está no fato dela nos ensinar a maneira correta de viver a vida cristã no mundo real e diante dos desafios cotidianos.

A Epístola aos Colossenses foi escrita entre os anos 59-62 d.C., quase trinta anos após a morte e ressurreição do Senhor Jesus Cristo. Ela faz parte das epístolas da prisão, juntamente com Efésios, Filipenses e Filemon. O apóstolo Paulo redigiu a epístola durante sua prisão domiciliar em Roma (cf. Atos 28.16) – durante os dois anos em que esteve detido na cidade, como prisioneiro político –, com o intuito de auxiliar uma igreja que ele ainda não visitara.

Autor: Pr. Herbert Pereira [Copyright © 2023] – Todos os direitos reservados.
Keryx Estudos Bíblicos e Teológicos – Em Defesa da Verdade Acesse: keryx.com.br

"Orem por mim, para que, no abrir da minha boca, me seja dada a palavra, para com ousadia tornar conhecido o mistério do Evangelho"
(Efésios 6.19 – Nova Almeida Atualizada)

O objetivo da epístola foi combater, principalmente, quatro correntes filosóficas: **gnosticismo** [crença na existência de um conhecimento secreto que não fora revelado nem mesmo aos apóstolos originais], **legalismo** [observância da Lei de Moisés findada em Cristo (cf. Romanos 10.4), especialmente a circuncisão], **misticismo** [superstições, novas revelações e o uso de objetos com atribuições mágicas] e **ascetismo** [abstinência de prazeres ainda que lícitos, penitência física e restrições alimentares]. Tudo feito em nome de Jesus. Tais correntes estavam reunidas em um único movimento (conhecido mais tarde como “a heresia de Colossos”) que gerava confusão e desunião entre os cristãos colossenses.

Pesquisadores bíblicos descobriram que os hereges de Colossos formaram um grupo cujos membros testemunhavam diversas experiências espirituais extraordinárias. Tais experiências, os colocavam em nível superior aos demais cristãos e permitia a eles influenciar pequena parte dos membros da comunidade cristã. Atualmente essa cena se repete constantemente. Um exemplo desse problema é o fato da maioria das novas igrejas evangélicas não nascerem mais por estratégia missionária, mas, sim, por divisão interna. O que normalmente acontece é alguém, dotado de uma espiritualidade tão elevada, que até o Senhor Jesus perto dele é visto como “carnal”, se levanta diante da comunidade, diz que recebeu de Deus uma revelação especial e a missão de abrir um “novo trabalho” – ainda que, para isso, ele tenha que influenciar os membros da comunidade a abandonarem a igreja local para segui-lo.

Muitos líderes evangélicos – principalmente entre os neopentecostais – ensinam que se alguém, não vivencia as mesmas experiências místicas que eles, tal pessoa não tem a presença Espírito Santo na vida ou é crente com “defeito de fabricação”. Contudo, como bem disse o teólogo alemão Martinho Lutero (1483–1546), “*qualquer ensinamento que não se enquadre nas Escrituras deve ser rejeitado, mesmo que faça chover milagres todos os dias*”. **Milagres impressionam. Ainda assim, não podemos ser reféns do que vemos ou ouvimos.** Nos dias atuais, o aumento da entonação de voz do pregador durante o sermão, é visto como sinal do poder do Espírito Santo e da autoridade de Deus no indivíduo. Puro engano. **O poder e autoridade de Deus não consistem na entonação de voz do pregador, mas na transformação das vidas para as quais ele prega.** Berros enfurecidos não valem nada. Em vez de levantarmos a nossa voz, melhoremos os nossos argumentos.

O tipo de espiritualidade dos hereges os colocava como superiores e provocava divisão e discriminação na igreja. Os prejuízos eram teológicos, éticos e comunitários. Os hereges passaram a vigiar a liberdade cristã da igreja e a exigir que os cristãos se abstivessem de alimentos e bebidas (cf. Levítico 11). O grupo herético existente na comunidade de Colossos ensinava a existência de vários níveis de distanciamento entre Deus e o homem, e expunha a necessidade de galgar esses degraus por

meio de experiências místicas e ascéticas, para chegar a um nível superior. Este distanciamento enfraquecia o valor de Cristo e de Sua obra redentora.

A autoridade dos hereges sobre a comunidade vinha através de “visões espirituais” que determinavam o tom da verdade. Eles afirmavam que participavam de cultos de adoração no mesmo nível que os anjos ofereciam a Deus. Nessas reuniões místicas, segundo eles, surgiam as visões que lhes “autorizavam” a dizer o que afirmavam. Tais visões, eram contadas detalhadamente e serviam como referência de espiritualidade e autoridade. Ao saber disso (através de Epafra, cf. 1.8), o apóstolo Paulo (com o auxílio de Timóteo) escreve a epístola aos colossenses com o objetivo de orientar a Igreja e desacreditar os falsos mestres. Ele se apresenta como apóstolo, um emissário do próprio Senhor Jesus Cristo, devidamente autenticado pela vontade de Deus.

A imposição de práticas legalistas de usos e costumes como condição para salvação, práticas místicas e supersticiosas sem nenhuma fundamentação bíblica, são pregadas e anunciadas diariamente pelos meios de comunicação e nos cultos, por pregadores evangélicos e líderes que se apresentam como pessoas que mantêm uma relação especial e única com Deus, e que afirmam ter recebido uma unção que os distingue e os separa dos cristãos comuns¹, são apenas alguns dos problemas encontrados nas igrejas evangélicas atualmente. Tais erros devem ser analisados e confrontados. Afinal, como dizia o teólogo cristão britânico John Wesley (1703–1791), “o que uma geração tolerar, a próxima irá abraçar”.

*“Sempre oramos por vocês e damos graças a Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, pois temos ouvido falar de sua **fé** em Cristo Jesus e de seu **amor** por todo o povo santo, [5] que vêm da **esperança** confiante naquilo que lhes está reservado no céu.”* (Colossenses 1.3-5 – NVT)

Na Epístola aos Colossenses o apóstolo Paulo dá graças a Deus pela vida dos cristãos em Colossos, em virtude de ter ouvido sobre a **fé** em Cristo, o **amor** de uns pelos outros e a **esperança** pela vida vindoura que havia entre eles. Agora, fazendo um contraponto com os nossos dias, o que as pessoas têm ouvido falar sobre nós? Quais são as marcas da existência cristã em nossa vida? Como a nossa comunidade de fé tem sido vista e percebida por aqueles que estão de fora? Existe uma frase atribuída a São Francisco de Assis, que diz mais ou menos assim: “*Pregue o Evangelho de todas as formas possíveis e, se for preciso, até mesmo com palavras*”. Qual tem sido o “volume” da nossa pregação do Evangelho nos lares, entre amigos, vizinhos, na sociedade em geral? Somos, de fato, “cooperadores de Deus” (cf. 1Coríntios 3.9), ou meros “observadores”, frutos do evangelicalismo meramente contemplativo dos dias atuais?

¹ LOPES, Augustus Nicodemus. *A supremacia e suficiência de Cristo: a mensagem de Colossenses para a Igreja de hoje*. São Paulo: Vida Nova, 2013. 8 p.

As chamadas “virtudes teológicas” [fé, amor e esperança] formam um tripé sobre o qual a vida cristã é edificada. A **fé** se dirige a Cristo, como a fonte suficiente de salvação e vida; o **amor** é a abertura para o outro, para a edificação da comunidade; e a **esperança** é a força para enfrentar os desafios do presente tendo em perspectiva as promessas divinas de glória eterna.

Fé, do grego πίστις (*pístis* = “*persuasão firme*”, “*convicção fundamentada no ouvir*”). Significa, primariamente, firme convicção, que produz pleno reconhecimento da revelação ou da verdade de Deus.² “*A fé mostra a realidade daquilo que esperamos; ela nos dá convicção de coisas que não vemos*” (Hebreus 11.1 – NVT). A fé é mencionada primeiro, pois sem ela a vida cristã não é possível (cf. Romanos 10.9). Ela é introjetada em nossa vida através da compreensão e prática das boas-novas a respeito de Cristo (cf. Romanos 10.17).

Amor, do grego ἀγάπε (*agápe*), significa “*ato sacrificial em favor de outrem*”. Este é o amor que se move pelas necessidades do outro, sem pensar nos próprios interesses. É um amor que deseja arriscar tudo por alguma vantagem para outra pessoa, isto é, que não considera nenhum preço muito alto se outra pessoa puder receber algum benefício.³ O amor cristão é demonstrado através do serviço comunitário, envolto pela mutualidade. É por meio do amor que os cristãos servem uns aos outros. Portanto, “amar” não é questão de afetividade. Mas é ação que envolve a nossa conduta (cf. 1Coríntios 13). **O amor descreve como nos comportamos, não como nos sentimos. Amar é dar ao próximo o que ele precisa e não apenas o que ele merece.**

Esperança, do grego ἐλπίς (*elpís*), significa “*expectativa favorável e confiante*”. Tem a ver com aguardar com expectativa o que não se vê e o futuro. A esperança reside na compreensão daquilo que ouvimos e não naquilo que vimos. O termo descreve a antecipação feliz do que é bom. No Novo Testamento, três adjetivos são descritivos da esperança: “boa” (cf. 2Tessalonicenses 2.16); “feliz” (cf. Tito 2.13); “viva” (cf. 1Pedro 1.3).⁴ É por isso que cristãos devem voltar sua mente para Deus e permitir que os seus pensamentos sobre Cristo governem a sua vida. Tanto a fé como o amor são baseados na esperança (essas três graças estão relacionadas em Romanos 5.1-5; 1Coríntios 13.13; Gálatas 5.5-6; 1Tessalonicenses 1.3; 5.8).

Certa vez, ouvi a seguinte frase: “*a coisa principal é fazer da coisa principal, a coisa principal*”. Muitas vezes em nome do politicamente correto, em nome daquilo que é “muito importante”, desprezamos aquilo que é “essencial”: **fé, amor e esperança.**

² VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 648 p.

³ Ibid., p. 1.115

⁴ Ibid., p. 614-615